

mal-remunerados e sem direito de greve.” A condição marginal do artista brasileiro clama por uma solidariedade ativa e comprometida entre os profissionais da arte, como aquela que marcou sempre a atuação de Arlindo. Sujeito a um mercado incerto e perverso, o artista profissional deve se escudar em um ascetismo e uma firmeza de propósitos que vinculam inevitavelmente estética e ética: “Muitas vezes tal comportamento obriga a uma reflexão maior e ao afastamento de alguns pequenos prazeres mundanos e gratificações imediatas”. Daibert estabelece ainda um decálogo do artista: “Desenvolva seu senso crítico ao máximo (...) não faça concessões (...) trabalhe honestamente (...) permaneça aberto à informação e ao intercâmbio (...) mantenha-se em estado de questionamento constante.”

Leio os textos de Arlindo Daibert ao som de “Graffiti”, de Caetano Veloso. Jogo rápido, língua ligeira, olhos arregalados. Pela janela do trem vejo, em vídeo-clip futurista, a sucessão de depoimentos, ensaios relâmpago, páginas de diário, estudos críticos sobre diversos artistas de sua geração, em escrita fluente, nítida, com os traços econômicos de um grafiteiro. As mais pungentes questões aparecem ali radiografadas com a objetividade que sua urgência exige: “A representação do ser humano torna-se um problema complexo. Afinal, quem é o ser humano a ser tomado como modelo?” “Os *graffiti* abandonaram o espaço das ruas e transferiram-se para o espaço das galerias e bienais. Não podendo mais exaltar um modelo, o artista ironiza sua própria falência.” Do cotidiano ao transcendente, *Caderno de escritos* vai propondo ao leitor percursos em direções variadas, permitindo o embarque em qualquer ponto de suas 188 páginas.

Trilhas no sertão, trilhos em Paris. De maria-fumaça ou de metrô, é espero viajar com o agudo *baedeker* de Arlindo Daibert.

Myriam Ávila
UFMG

ARQUIVO LITERÁRIO: ENREDOS ANTIGOS, NOVAS TRAMAS

MIRANDA, Wander Melo (Org.). A trama do arquivo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995. 120p.

Durante os anos 50, periódicos de portes e orientações diversos publicavam os mais variados artigos literários – “Lima Barreto e o esporte”; “De Catulo a Jeca Tatu”; “Olavo Bilac e seus pseudônimos”; “O bilingüismo de Machado de Assis”. Redigidos em estilo conciso e direto, tais artigos traziam como assinatura os nomes de Brito Broca, José Galante de Sousa, Raimundo Magalhães Júnior e reuniam curiosidades de nossa cena cultural, desfaziam equívocos histórico-biográficos, estabeleciam autorias duvidosas, prestavam contas de descobertas bibliográficas. A julgar por sua quantidade apreciável, contavam com um público constante, interessado e amplo; tanto assim que, em seguida a sua publicação nos jornais, costumavam ser selecionados e agrupados em volume.

Vistas da perspectiva de hoje, essas matérias, resultantes da pesquisa em bibliotecas e arquivos, ocuparam a margem do espaço jornalístico, onde a atenção estava concentrada na atualidade tensa das polêmicas e das resenhas dos últimos lançamentos. Eram também praticamente ignoradas no espaço acadêmico, cuja produção seguia os parâmetros rigorosos e excludentes dos projetos teóricos em voga – de um lado, a auto-suficiência da análise do texto, segundo as normas da estilística e do *new criticism*; de outro, o confronto entre texto e contexto, na dialética de um pensamento de base sociológica. Com o crescente desprestígio da argumentação *eclético-retórica*, que a caracterizava, a crítica militante desapareceu dos jornais, o mesmo acontecendo com sua contrapartida informativa e erudita. Sem repercussão acadêmica, as coletâneas de resultados de pesquisa bibliográfico-arquivística esgotaram-se, tornando-se, elas próprias, raridades bibliográficas.

Mais recentemente, no entanto, enquanto o mercado cultural se desvincula completamente das facções estético-ideológicas e dos rodapés de crítica/review, a atividade universitária – amadurecida através das experiências do estruturalismo e pós-estruturalismo – depara com a necessidade de cercar o texto-objeto de todo o aparato histórico-erudito-crítico possível. Ressurgem as pesquisas nos arquivos pessoais de escritores e nas coleções de periódicos. A par da discussão teórica sobre intertextualidade e autoria, cânon e transvanguarda, publicam-se correspondências, examinam-se documentos autógrafos, reeditam-se estudos sobre vida literária, organizam-se edições críticas, mantêm-se revistas especializadas no estudo dos manuscritos. Em resumo, a necessidade de garantir o rigor e a complexidade dos ensaios historiográficos e o interesse por novos caminhos teóricos como o da crítica genética francesa encaminham os especialistas de hoje para a pesquisa documental, na direção dos velhos farejadores de pistas literárias.

Todas essas reflexões vêm a propósito de *A trama do arquivo* – conjunto de pesquisas realizadas por especialistas do Centro de Estudos Literários da UFMG. Embora sem intenção explícita, esses e outros pesquisadores contemporâneos vêm refazendo, com instrumentos críticos de ponta, os enredos esboçados por seus antecessores, cuja atividade de resgate e decifração de acervos literários desenvolveu-se fora da universidade.

Os arquivos de proto-textos e outros registros da produção literária fornecem matéria para leituras diversas, cuja orientação teórico-metodológica já se insinua desde o título escolhido. Integrando o vocabulário da tecelagem, *trama* remete por via metafórica ao conceito de texto como trabalho de entrecruzamento de fios discursivos, selecionados de um infinito repertório real/virtual. Assim, na base do processo escritural, o sujeito criador é substituído pela força proliferante da linguagem. Desse ponto de vista, a atividade interpretativa, resultante da pesquisa de fontes primárias, evita os perigos do logocentrismo

e de um geneticismo mitificador da origem. Por outro lado, essa perspectiva teórica supõe o emprego combinado de invenção e raciocínio analítico para que, à maneira das *intrigas* romanescas, se interrelacionem versões manuscritas e impressas, depoimentos públicos e correspondência privada, fortuna crítica e localização histórica referentes à obra dos escritores em estudo. Além do mais, como é necessário vencer preconceitos crítico-estéticos para o enfrentamento de rascunhos e registros truncados, os ensaios se organizam por *procedimentos ardilosos*, solapando os critérios canônicos.

As leituras diversas e complementares de fontes documentais, que *A trama do arquivo* reúne, apresentam-se sob a forma de artigos/ensaios voltados para objetivos distintos, dando conta de projetos de pesquisa em diferentes etapas de desenvolvimento. O ensaio de Eneida Souza e o de Wander Melo Miranda, localizados respectivamente no início e no final da coletânea, são analítico-interpretativos; consideram os documentos no seu contexto histórico-literário como objeto de um raciocínio inventivo cujo resultado é contribuir seja para a história da literatura e vida literária do modernismo, seja para uma revisão da cultura brasileira como tensão entre tendências localistas e ocidentais. As proposições teórico-metodológicas distribuem-se pelos trabalhos de Maria Zilda Ferreira Cury e de Silvana S. Santos – a primeira enfoca o aspecto estético-crítico, através de uma resenha da bibliografia mais recente com vistas a ampliar as fronteiras dos estudos literários; a segunda justifica as técnicas de arquivamento empregadas, explicando a adaptação das mesmas ao caso específico dos acervos do CEL. Já os artigos de Vera Lúcia Andrade, de Melânia Silva de Aguiar e do poeta e pesquisador português E.M. de Melo e Castro são predominantemente informativos, apresentam o material dos acervos, que lhes interessa, propondo rumos de pesquisas e sugerindo interpretações, como uma espécie de relatório das etapas iniciais do trabalho que desenvolvem. Finalmente, o ensaio do pesquisador associado Albert von Brunn inclui resultados de sua pesquisa do arquivo de Murilo Rubião como elementos de sua reflexão analítica sobre a obra (publicada)

desse autor.

A certo momento da caracterização da pesquisa de arquivo, Maria Zilda Cury utiliza-se de uma afirmativa de Philippe Willemart, onde se descreve o traço duplo deixado pelo trabalho interpretativo que, investigando a memória da escritura literária, vai, também, construindo a própria memória da atividade crítica. É esse traço duplo que se quer, aqui, revelar, através da figura de *tramas* superpostas. À medida que se acompanham as diferentes leituras realizadas pelos pesquisadores do CEL-UFMG, vão-se identificando, aí, antigos fios de uma atividade meio-esquecida, mas constituinte do acervo crítico brasileiro. Em resumo, propõe-se apontar o enredo da crônica-crítica dos anos 50, explícita ou implicitamente referido n' *A trama do arquivo*, que acaba de ser tecida.

O artigo de Brito Broca, "No arquivo de Coelho Neto" (1958), recolhido no volume *Naturalistas, parnasianos e decadistas*, chama atenção para a importância dos arquivos pessoais de escritores e responsabiliza as dificuldades de acesso aos mesmos pela falta de divulgação das informações fundamentais aí contidas. Se até hoje ainda cabe a denúncia de Broca, são evidentes os progressos devidos principalmente à substituição do esforço particular isolado pelo trabalho conjunto de pesquisa. A amostra, que *A trama do arquivo* nos oferece, revela-se representativa dos resultados já alcançados pela atividade universitária na busca de, apoiada por um amadurecimento teórico-metodológico, vencer a tendência individualista dos estudiosos, integrando tanto as instituições de pesquisa às arquivísticas, quanto os interesses pessoais aos projetos coletivos.

Redator da *Revista do Livro*, funcionário do INL e colaborador de vários jornais, Broca aproxima-se do arquivo de Coelho Neto com a atitude ambígua do diletante e do profissional. No primeiro papel, depende da *boa vontade* de um *amigo e confrade*, Darcy Damasceno (por feliz coincidência, chefe da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Já no segundo papel, cumpre sua função de compensar a ineficiência

dos arquivos públicos e reconduzir o *processo póstumo* de um escritor dos *termos emocionais* para os apropriadamente *judicativos*.

Nos ensaios de Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda (pesquisadores do CEL-UFMG), que, coincidentemente, também trabalham com correspondência de escritores, observa-se o amadorismo superado e o trabalho ganhando economia e sistematicidade. Enquanto participantes de um grupo interdisciplinar de especialistas, suas tarefas de decifreadores-críticos se integram às dos técnicos em documentação. As bases teóricas, que norteiam sua leitura interpretativa, são partilhadas por seus pares bibliotecários e arquivistas.

Para estudiosos de ontem ou de hoje, o manuseio das cartas de terceiros reserva a *perspectiva de uma descoberta, de uma revelação imprevista e surpreendente*. Com propostas genéricas e referências abrangentes, Broca e seus contemporâneos exerciam a crítica um pouco à deriva das surpresas que os documentos lhes reservavam. Na atualidade, tal como fica exemplificado no ensaio de Eneida Souza, define-se com rigor o objeto de análise e prevêm-se conclusões restritas ao âmbito de um projeto, cuidadosamente apoiado em balizas histórico-teóricas. Quem trabalha no interior de um programa coletivo consistente pode tirar maior proveito crítico da inevitável margem de acaso de qualquer pesquisa.

O texto de Eneida Souza – Vozes de Minas nos anos 40 – apresenta-se como parte de uma investigação sobre a história da literatura e vida literária do modernismo brasileiro. Toma, estrategicamente, uma data – 1947 – e uma referência literária – Murilo Mendes, remetente e destinatário de autores mineiros de diferentes gerações – para a seleção de cartas e publicações de estréia, cujos dados, uma vez cruzados, reconstituem nexos de amizade intelectual, intercâmbio entre poetas iniciantes e poetas experientes, momentos de definição de caminhos. Assim se revelam, através da economia analítico-interpretativa adotada, os temas da reflexão estética, nos meados

deste século.

Vale ressaltar, na referida economia analítico-interpretativa do ensaio de 1995, a competência técnica na seleção e inter-relacionamento dos dados levantados na pesquisa documental. Os críticos dos anos 50 realizavam suas tarefas investigativas enquanto jornalistas – isto é, ávidos de descobertas surpreendentes – na expectativa de revelar os segredos escondidos nos arquivos. Já os pesquisadores atuais desconfiam da positividade dos dados que reúnem, pois conhecem o estatuto lacunar do trabalho arquivístico e aprenderam o necessário exercício auto-crítico diante da memória etnocêntrica e mistificadora. Nesse sentido, o confronto, aqui experimentado, valoriza não só o progresso teórico-metodológico, como também a experiência acumulada.

Se as reflexões de Brito Broca carecem dos instrumentos adequados, sua inteligência de leitor erudito guiou-o no estabelecimento de um roteiro de pesquisa, bem como de alguns critérios éticos e de um esquema organizador do material. Esse esquema, aplicado à ampla correspondência passiva de Coelho Neto, classificou remetentes e assuntos e demonstrou – contra o julgamento da posteridade – não só a importância desse escritor na cena cultural brasileira do início do século, como também a repercussão relativa de sua obra no exterior.

A análise do lugar de Coelho Neto na vida literária brasileira, feita através da correspondência, exemplifica bem a disponibilidade inteligente de Brito Broca e seus contemporâneos, que se empenharam no estudo tanto de Machado e Alencar quanto de escritores menores, epígonos e bissextos. O mérito desses pesquisadores-cronistas é ter entrevistado que o papel de articuladores da vida literária foi frequentemente desempenhado por escritores prolíficos mas esteticamente inexpressivos como o autor de *Turbilhão*. Empregando seu tempo e saber no desvendamento de arquivos esquecidos e velhas coleções de periódicos, os críticos dos anos 50 buscaram reconstruir nossa história cultural, livrando-a da desinformação, dos clichês e dos preconceitos.

O ensaio de Wander Miranda, *Aventura européia de Alexandre Eulálio*, constitui um aproveitamento rentável (ainda que buscado por via indireta) da experiência pouco convencional de Brito Broca. Escolhidas como objeto de estudo, em função mesmo de seu informalismo humorístico, as cartas e postais, enviados pelo jovem crítico a Lélia Coelho Frota, durante sua primeira viagem internacional, constroem belas e inusitadas imagens híbridas, onde os valores intelectuais e artísticos da Europa confrontam-se com as lembranças-reliquia da província familiar.

O leitor de hoje fica impressionado com a variedade e o número dos assuntos tratados pelos pesquisadores-jornalistas dos anos 50. Certamente o mais prolífico deles foi Magalhães Júnior que, além de publicar contos e peças teatrais, organizou antologias e dicionários de literatura brasileira, volumes de pesquisa histórica e fez a biografia de quase todos os escritores e jornalistas significativos do século XIX. Pode-se mesmo dizer que as vidas literárias tornaram-se sua especialidade. A produção histórico-crítica de Magalhães Júnior tem, no jornal, sua matéria e seu veículo. O constante manuseio de periódicos dos oitocentos familiarizou-o tanto com o espaço público brasileiro daquele momento que o tornou capaz de cruzar um número enorme de informações, esclarecendo dúvidas e relacionando obras, num verdadeiro trabalho de base para os historiadores do futuro. No conjunto, a série de biografias, que escreveu, forma um panorama da vida literária no Brasil. Tal panorama, equivalente às coletâneas de artigos de Brito Broca, dialoga com as mesmas e constitui, assim, ainda que de forma precária, um sistema integrado de conclusões de pesquisa. Nesse diálogo, travado através da imprensa, interveio frequentemente a palavra de José Galante de Sousa que, com a mesma consciência crítica de seus companheiros de geração, desdobrou em artigos de história interpretativa seu trabalho de levantamento de fontes bibliográficas. Todo seu cuidado com datas e veículos de publicação soa como passatempo lúdico de eruditos. No entanto, a aparente futilidade do exercício se desmente quando

seus resultados são retrabalhados por pesquisas, como as de *A trama do arquivo*, que se desvencilham da rigidez da filologia tradicional e apóiam suas reflexões em critérios descentralizadores e anti-totalizantes.

Dentre os fios propositalmente programático-informativos constituintes da coletânea, o relatório circunstanciado de Melânia Silva de Aguiar sobre *A obra poética de Cláudio Manuel da Costa: nova edição* explicita sua dívida para com os estudiosos dos anos 50 e propõe atualizar, de acordo com o avanço teórico atual, a herança recebida. Como Melânia Aguiar e sua equipe estudam documentos setecentistas, a referência mais imediata e importante do projeto não é o legado dos críticos-cronistas brasileiros – especializados nos arquivos modernos – mas sim os *trabalhos pioneiros* de Manuel Rodrigues Lapa, *eminente pesquisador e filólogo português*. Diga-se de passagem que, tal como se apresentam, as etapas já realizadas desse projeto definem bem o espírito dos pesquisadores do CEL-UFMG – somar as perspectivas regional e cosmopolita, incorporando criticamente a bibliografia estrangeira de ponta e a tradição dos estudos brasileiros.

Fazendo um caminho simetricamente inverso ao do projeto de edição da poesia árcade, a pesquisa proposta por E.M. de Melo e Castro desloca-se de Portugal para os arquivos do CEL, onde prevê o rastreamento do intercâmbio entre o grupo da *Poesia Experimental* portuguesa e o do concretismo brasileiro, promovido, entre 1966 e 1971, pelo *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Poeta e pesquisador (associado aos professores da UFMG), Melo e Castro destaca o interesse dos estudiosos contemporâneos do neo-barroco pela vanguarda experimental da década de 60. Justifica, assim, sua proposta, integrando-se aos parâmetros metodológicos do CEL, que prevêem, em sua trama, o enlace de passado e presente, contribuição local e perspectiva comparatista.

“A biblioteca fantástica de Murilo Rubião” (texto onde a pesquisadora Vera Lúcia Andrade percorre o acervo do escritor para inseri-lo n’*A trama do arquivo* (é, sem dúvida, a

parte do tecido que mais se aproxima dos padrões herdados da crônica dos anos 50. Com a mesma elegância discursiva de Galante e com humor leve semelhante ao de Broca, Vera Andrade traça um rápido perfil biográfico de Murilo Rubião, ao apresentar um primeiro levantamento descritivo das coleções que compõem seu arquivo, indicando, aí, caminhos sugestivos de análise, através do contraponto com a obra publicada do escritor. Observe-se, a propósito, que a tendência da obra muriliana ao gênero fantástico vem relacionada à metáfora borgeana da biblioteca infinita e englobante.

O arquivo do autor de *O pirotécnico Zacarias* inspirou outro texto além do de Vera Andrade. Trata-se de *Murilo Rubião, uma poética do emudecimento*, de Albert von Brunn, pesquisador suíço, associado ao CEL. Com relação à herança dos críticos-cronistas, os dois trabalhos ocupam posições opostas, uma vez que a busca da poética de Rubião faz-se através de um belo raciocínio interpretativo a partir do conto “Marina, a intangível”, em sua versão publicada. O material do arquivo – entrevistas, informes jornalísticos, correspondência – serve apenas para confirmar e ilustrar aquele raciocínio. Em nenhum momento, Albert von Brunn estende sua proposta aos prototextos, de onde poderia tentar sacar uma prática de construção poética, que funcionaria como contraponto das metáforas metapoéticas decifradas.

Ao longo dessas páginas, operou-se um exame da trama informativo-crítica das pesquisas realizadas pelo CEL-UFMG. Foi-se puxando o fio construtor de cada ensaio e aí identificando maior ou menor presença de uma recente tradição brasileira de trabalho com arquivos, representada pelos pesquisadores-jornalistas dos anos 50. Dois dos ensaios do volume, no entanto, só foram mencionados de passagem – justamente os ensaios teóricos, que marcam a diferença entre as pesquisas anteriores e as atuais. A erudição de Broca, Galante e Magalhães Júnior compõe-se de um conhecimento cosmopolita da literatura e de um domínio incomum das informações sobre a história do espaço literário no Brasil.

Colocando seus dons intuitivos e sua larga experiência a serviço da leitura dos documentos, nunca lhes ocorreu questionar ou discutir os fundamentos filológicos de seu trabalho.

A revisão da filologia, por seu turno, foi empreendida pela chamada crítica genética, feita principalmente por pesquisadores franceses desde os anos 70. Maria Zilda Ferreira Cury, em *Acervos: gênese de uma nova crítica*, faz justamente um apanhado geral dessas teorias geneticistas, refletindo, com outros de seus seguidores brasileiros, sobre a rentabilidade dos princípios de leitura dos proto-textos em perspectiva descentrada, de acordo com o conceito (pós-estruturalista) de textualidade. Embora não se possa considerar o ensaio de Maria Zilda Cury como explicitação dos pressupostos metodológicos de todos os estudos do volume, fica patente que aí se encontra a principal referência teórica da *trama*. Vários pesquisadores corroboram suas posições e nenhum chega a negá-las. Além disso, *Acervos privados* – o artigo onde a bibliotecária Silvana S. Santos expõe os procedimentos empregados para ordenar a documentação confiada ao CEL-UFGM – funciona como a contrapartida técnica dessa teoria do texto enquanto processo de construção poética.

Para inserir *A trama do arquivo* na linhagem nacional de pesquisa de documentos literários, este comentário ocupou-se em desfazer e refazer o enredo dos oito ensaios, identificando, aí, fios do trabalho pioneiro dos cronistas. Se a pesquisa em acervos é o móvel da revisão por que passa, hoje, a prática crítica, cabe, também, assegurar a esta a possibilidade de autoconhecimento e reciclagem, no futuro. A formação de um arquivo (real e/ou virtual) de *tramas* investigativas é garantia de boa qualidade para o tecido da crítica literária brasileira

Marília Rothier Cardoso
PUC-RJ

O FALASTRÃO E O SILENTE

ANDRADE, Mário, RUBIÃO, Murilo. *Mário e o pirotécnico aprendiz* — cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião. Ed. organizada por Marcos Antonio de Moraes. Belo Horizonte: Editora UFGM; São Paulo: Ed. IEB-USP: Giordano, 1995. 248 p.

Há muitos pontos comuns entre *Mário e o pirotécnico aprendiz* e outros livros de cartas de Mário de Andrade já publicados. Em primeiro lugar, reencontramos um inegável prazer: Mário escreve de maneira leve e fluente, explorando sempre um tom afetuoso extremamente sedutor. São cartas “de pijama”, que tornam possível a sensação de se ver corporificado, humanizado, um nome que, para muitos leitores atuais, circula apenas como um espectro por entre verbetes de enciclopédias e manuais de literatura. Cartas que não trazem nenhuma revelação indiscreta ou confissão bombástica mas que deixam vir à tona as pequenas ações do cotidiano – sobretudo a ação da escrita e o exercício do pensamento, que se desenrolam gradativamente, como produtos da inserção em um tempo concreto.

Reencontramos também a busca de compreensão dos movimentos da cultura brasileira, através de um gesto de avaliação do modo como as gerações de intelectuais das décadas de 20, 30 e 40 se posicionam em relação às questões de sua época. Também estão ali os comentários de natureza especificamente literária, o esforço de Mário para analisar os contos – e situar-se em relação a eles – enviados por Murilo. O livro reafirma, portanto, a imagem mais difundida de Mário: a do homem acessível e generoso, a referência intelectual básica que, no entanto, gosta de se apresentar como um “sujeito que não sabe”, o Mário “trezentos e cinquenta”, o Mário tagarela, de capacidade produtiva caudalosa e inesgotável, o homem da palavra sempre disponível.